

Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos
 Editor de *ELECTRICIDADE*

Os Projectos

Segundo Sartre, «o essencial não é o que se fez do homem, mas o que ele faz com o que dele foi feito». Objectivamente, este pensamento interliga três tempos: o passado que construiu (e não é essencial, porque se valoriza mais o futuro implícito) e o presente que constroi (implicitamente para o futuro não declarado). Assim, o homem é um produto da história, que aqui está a agir, agora, conforme foi feito. Esta existência, revelada pelo que faz, é que se mostra fundamental. Porque constroi o que faz do homem para o futuro.

Eu sou aquilo que sou (a própria história), pois existo a superar aquilo que me fez. Neste princípio sartreano, «o filósofo é aquele que tenta superar essa superação». Mas o engenheiro não faz outra coisa: quando projecta executa uma "totalização parcial" que há-de vir a ser superada. Ou seja, o engenheiro é filósofo. Nem menos. Como os gregos antigos entendiam, mas que o desvirtuamento analítico (através do pensamento carteseano) viria a separar em duas culturas artificialmente desunidas.

No entanto, o pensamento dialéctico pela retroacção sistémica mostra que mesmo o projecto em engenharia corresponde ao conceito de projecto do homem, como acção intencional (consciente) e escolha livre (de si mesmo). Esta ideia apresenta-se básica na filosofia existencial de Sartre, em que o projecto "fornece o princípio unificador dos diferentes aspectos das singularidades" no dizer de Tito Cunha (em *Universal Singular*). Afinal, o engenheiro também procura que cada projecto exprima a compreensão da obra de engenharia, «um certo objecto que está para vir e que a conduta [do homem] tenta fazer nascer» (Sartre em *Questions de méthode*), tendo em conta as "condições exteriores da sua existência" e a "praxis intencional" (Tito Cunha).

O projecto da revista *ELECTRICIDADE* materializa essas intenções (a minha, do promotor, autores e leitores) em relação às condições exteriores (gerentes, promotor, anunciantes e assinantes). Repare-se que me coloco no âmbito das intenções internas do projecto: após tantos anos de direcção continuo a repetir (nas Assembleias Gerais) a necessidade de encontrar substituto que prossiga este projecto literário de prestígio dos engenheiros electrotécnicos em língua portuguesa, mas enquanto tal não acontecer permaneceré a equilibrar os orçamentos anuais – até que a saúde me permita e até ao limite dos 50 anos de existência da revista (só faltam seis anos!), pois então entrarei na "era

glacial "da aposentação (aos 70 anos de idade). A intencionalidade persiste: fazer uma revista aberta e "universal singular".

O promotor deste projecto editorial é o Grupo EDP, que tem sabido reconhecer os singulares objectivos universais definidos pelos fundadores da *ELECTRICIDADE* em 1955, através da intenção activa do Prof. Eng. Ferreira Dias de instituir no País um meio veicular da criatividade dos engenheiros portugueses no percurso da História. A ondular na actual vaga liberalizante, enquanto se espera pela Administração que entenda inserir este projecto no verdadeiro espírito do tempo. E eis que a esperança renasce, ao saber da elevação de um Engenheiro Electrotécnico a Presidente dos destinos da EDP. Pois, nos tempos que correm, só um Engenheiro – e ainda por cima Electrotécnico – compreenderá o significado vital desta publicação.

As intenções criativas emergem das autorias escritas ao sabor dos tempos. São os autores que registam as verdadeiras intencionalidades. Quem lê as páginas desta revista percebe do que estou a falar: para além do estilo que se imprime, transparecendo uma certa "escola" de comunicação, os conteúdos são totalmente livres e críticos nas encruzilhadas em que se situam. As reflexões proliferam. A informação reproduz-se. A formação é constante. A actualização fundamental dinamiza as perspectivas profissionais. A marcação das etapas do desenvolvimento tecnológico engrandece a passagem das décadas. Aqui se mostra o testemunho do que se faz. Afinal, eis o essencial de que falava Sartre.

Os leitores lêem a revista. Não a vêem, simplesmente. Muitos colecionam as suas páginas, desde que as começaram a sentir importantes. Todos procuram nessa leitura o sinal da evolução, a memória das ideias, o resquício do quotidiano profissional que impulsiona e estimula. Uma publicação periódica (mensal) para engenheiros é lida como um projecto, extraíndo os significados de todo o articulado, por mais variado que seja o enquadramento (memória descritiva, caderno de encargos, condições gerais, condições especiais, peças escritas, peças desenhadas). E a retroacção que nos chega é de contentamento para quem lê ("revista de reflexão" sem o ser) e para quem a faz ("revista científica" sem que o seja).

As condições exteriores da existência são as que são. No país que temos talvez não se possa exigir mais. Pelo menos é a impressão que me fica quando cotejo com o estrangeiro. Por lá encontro admirações no

mercado liberal, o que espanta ao comparar rácios económicos. Por cá praticam-se autênticos "milagres". Que o diga quem gere e sabe, quem promove e desconhece, quem apoia e não anuncia, quem assina e recebe todos os meses em casa ou no local de trabalho a síntese das ideias reveladas nesta impressão em papel e às cores. Um projecto milagroso, cujo mistério ainda não quero revelar.

Hoje a minha intenção consiste em anunciar que irei inserir na futura programação alguns relatos de **projectos científicos e tecnológicos**, onde tenha participado e cujos saberes se encontram encerrados num enorme gavetão. Quando levanto a sua tampa e respiro os odores da correspondente infusão enche-me uma estranha vontade de partilhar com todos os encantos daí emanados. De facto, o exercício profissional, às vezes, obriga a manter em segredo certos resultados da investigação. Mas esse secretismo não pode ser eterno. Vai mesmo contra o princípio da universalidade do conhecimento.

As patentes são formas de recompensar o esforço intelectual num mundo concorrencial e estranhamente liberalizado. Por isso, há defensores da sua prática, procurando dar "a César o que é de César". Eu pertence ao grupo dos que afirmam (dizem e praticam) que a Ciência não tem dono. Neste sentido, o que eu descobrir cientificamente não me pertence. E se algum préstimo tiver, toda a descoberta deve ser útil a quem a queira utilizar. Ou seja, a realidade única (natural ou artificial, concreta ou abstracta, material ou conceptual) é universal e as suas singularidades não perdem essas características universais.

Embora não reivindique propriedade para o saber, compreendo que outros tenham opinião diferente e defendam o secretismo temporário. Aliás, a isso me obriguei nalguns casos, uns explicitamente e noutros de modo implícito. No entanto, acho que o horizonte temporal da confidencialidade dos projectos não deve estar muito longe. Sobretudo quando se chega a uma idade em que o horizonte da vida está naturalmente à vista.

No fundo, será através dessas descrições que irei concretizar o que faço daquilo do que sou feito. É bem certo que sou o resultado da história e é dessa história que me resulto. A circularidade deste pensamento, que é a revelação do meu projecto, mostra como a dialéctica tem natureza sistémica. Para além disso, recuo aos meus tempos de estudante de engenharia electrotécnica, no Instituto Superior Técnico, quando aprendi que "o existencialismo é um humanismo". **E**